

RETOMANDO possibilidades CONCEITUAIS: UMA CONTRIBUIÇÃO À SISTEMATIZAÇÃO DO CAMPO DA INFORMAÇÃO SOCIAL.

*Ana Maria Pereira Cardoso*¹

Contribuição à elaboração conceitual do campo da Informação Social como parte da Ciência da Informação, usando as categorias de historicidade, totalidade e tensionalidade.

“A verdade absoluta jamais será conhecida, todo processo de conhecimento é um processo de acerbamento, de aproximação da verdade. A ciência é um processo de produção do conhecimento da verdade”.

Michel Löwy

A área que constitui o tema deste fascículo da Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, “Informação Social”, carrega em si uma indefinição que é decorrente da abrangência e da pluralidade de faces de seu objeto. Com efeito, a qualificação “social” longe de delimitar um campo de estudo, acaba por ampliá-lo, na medida em que podemos considerar como “social” qualquer processo de produção/

1. Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

organização/consumo de informação, uma vez que ele acontece entre grupos, segmentos, classes – ou seja, a geração e apropriação de informações só ocorre no âmbito da sociedade, das relações sociais.

Sendo assim, pretendemos, à luz de diferentes experiências de ensino, pesquisa e extensão aqui reunidas, contribuir com um esforço de conceituação. Acreditamos que uma maior clareza e visibilidade sobre nosso objeto de interesse e as diferentes abordagens que possibilitam produzir e acumular conhecimentos, será um facilitador para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão elaborados e trabalhados em equipe, fortalecendo os vínculos do conjunto e adquirindo maior credibilidade e legitimidade para este segmento da Ciência da Informação.

Tendo este objetivo como horizonte, e praticando os ensinamentos de Geertz²

“se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ser o que os praticantes da ciência fazem”.

foram contactados os pesquisadores e docentes que resultaram nos autores aqui presentes. Á partir de uma interação com o mestrado em Ciência da Informação da Escola de Biblioteconomia da UFMG (seja como aluno, docente ou colaborador eventual) onde uma das áreas de concentração e linha de pesquisa inside sobre os aspectos sociais da produção/organização/consumo de informação, procuramos reunir textos que refletissem as múltiplas possibilidades de olhar tal objeto, e compor com eles um número temático da Revista.

Cada um à sua maneira, os textos aqui incluídos, incorporam uma praxis que os une em sua diversidade. Assim, a perspectiva sócio-histórica é enfatizada no artigo de REGINA MARTELETO, em que o discurso da cultura é analisado com o objetivo de compreender a historicidade presente na constituição da informação enquanto objeto de estudo da ciência. Percurso semelhante é desenvolvido por

2 GEERTZ, C. A. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 15.

VERA REGINA FRANÇA, discutindo o surgimento do campo de estudos da comunicação social e as muitas teorias que se propõem sistematizar o saber sobre o fenômeno comunicativo. Tais artigos conduzem a uma melhor apreensão do marco conceitual que informou as pesquisas efetivadas por MARTA PINHEIRO AUN, GISELA EGGERT e MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO. Os artigos das duas primeiras autoras citadas, tem em comum o fato de terem elegido como foco de análise o acesso e uso de informações na construção da identidade feminina, quer como empregada doméstica ou como dona de casa, processo que é marcado, como fica patente pelos relatos, pela tensionalidade presente nas relações sociais, seja entre patroa/empregada ou entre homem/mulher. O artigo seguinte, "Indústria cultural e literatura infantil", analisa o mercado editorial brasileiro de livros infanto-juvenis localizando as determinações decorrentes do contexto sócio-político que marcam sua constituição. Em continuação vem o artigo de MARIA CECÍLIA DINIZ NOGUEIRA, enfocando e questionando a prática do profissional da informação a partir do posicionamento prévio explicitado pela fala dos sujeitos que a exercem. Finalmente fecha o número o Projeto do Centro de Cultura de Belo Horizonte, tornado público como um vislumbre de um exercício profissional possível.

A constituição como campo de conhecimento³

A formação do campo de conhecimento denominado "Informação Social" se processa como uma confluência de fatores.

A cena social brasileira, a partir de meados dos anos 70, é marcada pela presença crescente de movimentos sociais organizados⁴ que colocam desafios interpretativos para a teoria sócio-política, enquanto paralelamente a isto, convocam para a participação os agentes que desenvolvem a reflexão sobre este acontecimento, provocando várias mudanças no ambiente acadêmico.

Confrontados com uma nova feição dos organismos sociais e desafiados por novas demandas em serviços, bibliotecários e outros profissionais da informação, questionam sua prática e inauguram

3 Sobre o conceito de "campo teórico" como aqui empregado, ver: BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989. p. 59-73.

4 Conforme SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

possibilidades alternativas de produção e organização de informações, de gerência de coleções e acervos, de coleta e disseminação de registros do conhecimento, de exercício profissional atuante entre os movimentos sociais⁵. A proposta de “democratizar a informação” adquire importância crescente; relaciona-se cidadania e informação.

Ao mesmo tempo, o aparecimento de cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, contribui para introduzir e sistematizar reflexões teóricas decorrentes de disciplinas como epistemologia, psicologia social, sociologia da educação, antropologia, semiótica, comunicação, gerando um modo novo de interpretar e pensar a prática bibliotecária e a produção e uso da informação além dos muros das universidades e centros científicos.

Constitui-se desta forma o vertente que posteriormente receberá o enquadramento sob rótulos como “Informação Social”, “Sociologia da Informação” e mais recentemente “Antropologia da Informação”, agrupando alternativas que a caracterizam de acordo com especificidades que lhe conferem identidade autônoma.

Não podemos esquecer, no entanto, que a aglutinação de esforços em torno desta temática é relativamente recente tanto na Biblioteconomia quanto na Ciência da Informação, e que os estudos e pesquisas na área, se por um lado refletem sua abrangência pela diversificação de temas tratados, por outro, se ressentem da falta de um corpus teórico mais estruturado, demonstrando, portanto, o processo de sua consolidação.

Buscando construir uma conceituação

A reflexão teórica carece de conceitos claros e bem definidos. Iniciamos então com o núcleo mesmo do conceito: INFORMAÇÃO, uma vez que suas inúmeras acepções podem mais confundir que esclarecer. Neste texto empregamos “informação” conforme interpretado por Teixeira Mendes:

“elo de ligação entre um produto de reflexão e um processo de reflexão”

5 Muito se tem escrito sobre tais mudanças, a título de exemplo pode ser citado: ANDRADE, A.M.C. *Um novo texto no contexto da informação popular*. São Paulo: ECA/USP, 1989. (Tese de doutorado)

estando pois intimamente conectado com o processo de construção do conhecimento e por esta via tornando-se um instituinte cultural⁶, gerador de mudanças ou reproduzidor do estabelecido.

Entendendo a sociedade como produto humano e o homem como produto social, intentamos captar e interpretar o fenômeno informacional em seu movimento dialético entre ambos.

Assim, e conforme foi colocado anteriormente, *toda informação é social*. Entretanto, quando adotamos esta terminologia como definidora de uma área de estudo, o fazemos como *recurso pedagógico* que permite identificar o conhecimento e analisar metodologias acerca da produção, organização, disseminação, consumo e incorporação da informação, enfatizando a diversidade de processos e relações que ocorrem no cotidiano dos indivíduos, segmentos, classes e instituições sociais.

Tendo como pressuposto básico e fundamental (como destaca a epígrafe a este texto) que a realidade está permanentemente em movimento e em construção, e que todo processo de conhecimento é apenas uma possibilidade, dentre outras, de aproximação da verdade, consideramos que o objeto de estudo da área de informação social deve ser apropriado tendo como referência⁷:

A) a *historicidade* dos sujeitos cognoscentes e dos objetos cognoscíveis (lembrando que nas ciências do homem são também sujeitos, por definição) que os coloca em uma relação culturalmente determinada; em uma interação de produção de sentidos. Ora, toda ação e relação são produtos de agentes ou atores (do latim *actio*) e, portanto, podem ser modificadas; não existindo leis imutáveis senão na natureza (ainda nesta, os recentes desenvolvimentos da física, da astronomia, da biologia permitem questionar a visão iluminista da ciência como campo de verdade, da ordem, da regularidade).

Então, se pensarmos sobre o fenômeno "informação", precisaremos rastreá-lo ao longo do tempo. Se desde os primórdios de humanidade o conhecimento/saber vem sendo acumulado, dando origem e ampliando a compreensão e o domínio do homem sobre a natureza, sobre a sociedade e sobre si próprio (como duplo empírico: sujeito e objeto), é sobretudo a partir do século XVII com a aplicação

6 Consultar CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

7 Sobre as categorias consideradas, ver LÖWY, M. *Ideologia e ciência social*. São Paulo: Cortez, 1991.

do saber científico às técnicas de produção e conseqüente aparecimento da tecnologia, que tal fenômeno ganha corpo e consciência, culminando na contemporaneidade como quarto poder, ou como insumo produtivo, ou ainda como estrutura das relações sociais. Temos hoje um paradoxo: à medida em que mais se sabe, maior é a necessidade de novas informações que alimentem o processo reflexivo e produtivo.

Podemos dizer como Walter Benjamim "O caminho que leva para o futuro é o caminho de onde ele veio".

b) A *totalidade* dos fenômenos sociais. Como totalidade entendemos que a sociedade é uma estrutura orgânica em que o conjunto dá sentido ao fragmento, não sendo, então, possível estudar qualquer fenômeno social isolado do contexto de sua ocorrência. Desta forma, refletimos sobre informação, relação estabelecida socialmente entre o produto do saber e o processo de construção do saber, isolando-o de suas interrelações, produz uma visão fragmentada (ideológica) de sua realidade. O momento atual que vivenciamos está marcado por mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas que colocam a exigência de reflexões profundas: o que significa ser "sociedade de informação"? Qual o papel de informação no processo de globalização da economia, flexibilização de produção, segmentação do mercado de trocas simbólicas? Como estabelecer o valor de informação frente a tais transformações?

c) A *tensionalidade* constante que está presente na sociedade, determinando as relações, e a produção de sentido sobre elas, entre os diversos grupos, segmentos e classes sociais que fazem da cultura (valores, crenças, práticas, conhecimentos/informações) o terreno de disputa pela hegemonia. Aqui podemos lembrar que Antonio Gramsci⁸ explica as relações de poder na sociedade tendo como elemento principal a noção de hegemonia, construída sempre que um grupo ou classe social consegue impor suas idéias, valores, práticas ao conjunto da sociedade.

Partindo desses pressupostos, os estudos em Informação Social procuram situar-se cultural e historicamente dentro de uma perspectiva sócio-antropológica que utiliza um referencial metodológico das ciências humanas e sociais para elaboração de seus projetos, programas e análises, compreendendo o trabalho de produção/difusão

8 GRAMSCI, A. *Concepção dialética de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

do conhecimento como um compromisso ético que supõe a intervenção sobre o real para sua transformação.

Pelo exposto, fica patente entendermos que o atributo SOCIAL no conceito Informação Social não é a designação de uma qualidade inerente, e sim, traduz a pluralidade dos trabalhos (teóricos e práticos) informados por uma visão específica da ciência e do mundo.

Traduzindo em uma prática.

Segundo a tradição incorporada pela história e pelo exercício da prática no terreno da Informação Social, sobretudo em sua materialização no cotidiano da Escola de Biblioteconomia da UFMG mas não exclusivamente aí, conseguimos identificar núcleos aglutinadores que determinam os diferentes recortes pelos quais o trabalho no campo em estudo pode ser visualizado.

1) Recorte Teórico – a ênfase aqui recai sobre a elaboração de uma leitura crítica da realidade social, com suas múltiplas implicações nos processos de produção, organização, consumo e incorporação de informações, sejam elas científicas, tecnológicas, culturais, econômicas, políticas, etc.

2) Recorte prático – privilegia os estudos do trabalho informativo e os fluxos da informação a partir de organismos sociais como bibliotecas, museus, arquivos, e agências semelhantes compreendidas como sistemas de informação e sua função na sociedade.

3) Recorte teórico-prático – corporificado nas atividades comprometidas com a prestação de serviços assumida pela Universidade, e se consolida em projetos e programas que enfocam a cultura e o indivíduo, com vistas à construção da cidadania.

Finalizando...

Como qualquer outra tentativa de análise fragmentária do real, a proposta acima explicitada corre o risco de simplificar a situação estudada, portanto, ela é apenas uma possibilidade de aproximação com o campo em estudo, buscando maior clareza na compreensão de suas relações internas e externas; é apenas recurso de organização de idéias com vistas a ampliar o debate e consequente sistematização do conhecimento ainda não desvelado.

Nesse sentido, a publicação deste número da REVISTA DA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMG, dedicado a alargar as

fronteiras e a projetar mais luz sobre o campo denominado **Informação social**, demonstra que as mudanças, incorporadas ou emergentes, fazem da Ciência da Informação um campo em construção coetâneo das transformações sócio-culturais induzidas pelo desenvolvimento das tecnologias informacionais.

Na medida em que buscamos compreender e sistematizar o real construído pelas relações sociais em sua historicidade, percebemos as contradições aí localizadas e abrimos o caminho de alternativas para sua superação através da exposição de um saber, que mais e mais precisa ser publicizado como garantia de uma sociedade menos desigual.

Conceptualizing the Social Information Field

A conceptual contribution on the Social Information field as part of information Science, by using the following categories: historicity, totality and tensionality.